

1238

CXXVII
(127)

1906

O PROBLEMA
DA
TUBERCULOSE EM PORTUGAL

127/1

Antonio de Almeida Garrett

O PROBLEMA
DA
TUBERCULOSE
EM
PORTUGAL

(Traçado d'um plano)

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA Á

Escóla Medico-Cirurgica do Porto



Porto - Imp. C. Vasconcellos - R. Picaria, 35

1906

127/1 E4C

A Escóla não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadadas nas proposições.

(*Regulamento da Escóla*, de 23 de abril de 1840, art. 155.º)

A meus Paes



A' MEMORIA DE MEU TIO E PADRINHO

Conselheiro Antonio R. da Costa e Almeida

A MINHA AVÓ

D. Luiza Villaça de Lacerda e Bacellar

A MEU TIO

Dr. Gonçalo Xavier de Almeida Garrett

Dignissimo Par do Reino

A MEU IRMÃO

Thomaz de Aquino

Governador de Inhambane

A minhas irmãs

A meu cunhado

A todos os meus

Aos meus amigos

Aos meus condiscipulos

AO CORPO DOCENTE

DA

Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Ao meu presidente de these

O ILLUSTRE PROFESSOR

Augusto Henrique de Almeida Brandão

Obrigado a apresentar n'esta occasião uma dissertação inaugural, procurei escolher entre os problemas que hoje preoccupam o cerebro dos que estudam, um que fosse d'um interesse bem positivo, para que ao menos tivesse a encobrir a pequenez do meu trabalho a pujante magnitude do assumpto.

O problema da tuberculose avassala os espiritos.

Por toda a parte se discute, juntam-se congressos para o resolver, erguem-se obras para o combater.

E no meio de toda esta fuzilaria, o inimigo avança.

Eu, sinceramente o confesso, não venho armado para a lucta com o vasto saber e erudição d'aquelles

que a tem travado. Humildemente me contento em trazer, envolto na minha inferioridade, um bocadinho de bom-senso.

As poucas paginas que ahi vão, escriptas apressadamente, sem preocupação de fazer phrase, tem a alevantal-as e dignifical-as as mais grandiosas intenções, as mais sublimes ambições de restauração da nossa raça, de engrandecimento e poderio da nossa patria.

Foi com profunda satisfação que as escrevi. Porque, se alguma coisa bem intimamente nos liberta das pequenas miserias da vida, é o interesse amplo, livre e fecundo pelos destinos da Humanidade.

I

Dizer que a tuberculose é uma doença social, é já hoje uma banalidade.

As estatísticas vieram mostrar, na certeza cruel dos seus números, que o problema da tuberculose era mais uma questão económico-social do que uma simples campanha antibacilar.

Por toda a parte se ouve dizer que a tuberculose é a doença dos miseráveis. E, em verdade, a definição é bem justa, se á palavra *miseria* se não ligar uma simples significação de «sem dinheiro», mas uma mais ampla interpretação de pobreza physiologica, resultante da falta de uma vida forte, sã e natural.

Porque, se é verdade que a tuberculose é tanto

mais devastadora n'uma classe social, quanto mais precaria é a sua situação economica, não é menos verdade que ella não poupa ninguem, e a todos arrasta, pobres e ricos, n'uma mesma onda de morte.

Se lançarmos uma vista de olhos para as condições de vida da população portugueza, fartamente veremos que não é uma caturrice de pessimista o afirmar abertamente que o portuguez vive mal.

O povo, a immensa classe proletaria, arrasta-se na miseria.

Vive em casebres escuros, sordidos, sem ar. Para que as descrever, as lugubres moradas do pobre? Todos as sabem, todos as conhecem.

É alli que, ao fim de longas horas d'um trabalho extenuante, devorada pelo alcoolismo, tendo enganado o estomago com uma alimentação falsificada, vem descançar e dormir toda uma população suja, enfesada, pervertida e triste.

Não é só a miseria da alimentação e da casa, esses dois grandes factores de uma vida sadia: é a miseria moral, a perversão de gostos, a desorientação de sentimentos, a ignorancia brutal que esmaga.

Elles são a representação apparente de uma miseria geral.

Porque, se do operario passarmos ao burguez, a situação pouco melhora.

Não ha, é verdade, o scenario apparatuso de uma miseria repugnante; mas fecham-se as janellas por causa das correntes d'ar e correm-se os reposteiros para não deixar entrar o sol.

Não ha a minima noção de hygiene.

A alimentação é má. A falsificação invade tudo. O operario come pouco e mau. O burguez, se não come pouco, come mau. A carne está quâsi banida da alimentação portugueza. As estatisticas a este respeito são tragicas.

Tambem se não toma banho. A falta de carne e a falta de agua conjugam-se n'uma mesma campanha de degeneração.

Ha uma pseudo-limpeza feita pela vassoura. As casas não teem conforto, nem sol, nem ar. Vive-se alli estreita, acanhadamente.

A população é sedentaria. O tempo que sobra da officina ou do escriptorio passa-se na taverna ou passa-se no café.

Um tal scenario physico arrasta atraz de si um

psychismo correspondente. Não ha interesses de intelligencia superiores ao jornal e ao livro de versos. A moral é debil, d'uma sentimentalidade serodia.

O estado geral dos espiritos é a incerteza e o desprezo. Pobres e indolentes, a preocupação constante é o egoismo.

No emtanto, temos um desprezo absoluto por tudo o que seja positivo e util. Não ha interesse por nada; nem mesmo pela própria saude. A decadencia moral acompanha a decadencia physica.

Não ha musculos no corpo, nem alegria na alma.

As duas grandes nações de Aristoteles approximam-se aqui.

Por toda a parte ha o mesmo sangue dessorado e o mesmo tedio de viver.

N'este quadro, de uma verdade tão triste, ha excepções, bem o sei. Mas são tão poucas que, por mais expostas que sejam, nunca podem constituir uma feição do paiz, um exemplo do que elle é.

N'um meio assim, physica e psychicamente opprimido, a tuberculose triumphha. O bacillo de Koch encontra um terreno favoravel para o seu desenvolvimento. Debalde se combaterá o contagio. O bacillo

está tão espalhado que, acabar com elle, seria tarefa impossivel de realisar. O que devemos fazer é tentar resistir-lhe. Oppôr uma força a outra força.

Hoje a vida, como a levamos, não é mais do que um lento suicidio. Como que propositadamente, dia a dia, vamos fazendo o possivel por nos collocarmos debaixo da acção do terrivel microbio. E todos os annos vinte mil victimas cahem debaixo do seu cutelo.

A importancia do organismo na collisão tuberculosa é capital.

O fim de toda a lucta deve ser o encaminhar a nossa vida, tão miseravelmente arrastada, para um caminho mais largo e mais puro.

A Allemanha, com a obra colossal dos seus sanatorios populares, onde o numero de tuberculosos hospitalisados passa de trinta mil, tendo dispendido e continuando a dispender sommas enormes na sua construcção e sustentação ¹, consegue apenas curas

¹ Mayer calcula que a Allemanha gastou 125 milhões de francos na creação dos sanatorios populares e que dispende annualmente 47 milhões na sua sustentação. (Romme. *La lutte sociale contre la tuberculose*).

economicas, porque o hospitalizado, sahindo do sanatorio, volta á morbidez do meio que o fez tuberculoso. Todos os annos enche os seus sanatorios, e todos os annos novos doentes virão occupar o logar dos que sahiram.

Se o numero de vidas prolongadas representa já um beneficio consideravel, não devemos esquecer que prevenir vale mais do que curar. A grande orientação prophylatica não consiste em curar tuberculosos já feitos, mas em evitar novas tuberculisações.

De resto, as apregoadas vantagens prophylaticas estão nas mesmas condições que as vantagens therapeuticas. De que vale a educação antituberculosa dada no sanatorio, se o doente vem cahir n'um meio hostil a toda a hygiene, e aonde conta os seus mais constantes conselheiros, a sua familia e os seus amigos?

Novamente encaixado nos habitos miseraveis da vida popular, depressa esquecerá metade das regras hygienicas que lhe ensinaram. E a sua pobreza far-lhe-ha esquecer a outra metade.

A França conjugou a obra do sanatorio com a obra do dispensario antituberculoso.

Ora o papel do dispensario como descobridor de

tuberculosos em comêço e como propagandista de preceitos hygienicos, é sem duvida util. Mas não devemos illudir-nos sobre a sua efficacia. Elle está, quando muito, nas condições do sanatorio. Póde melhorar doentes por uma bem dirigida assistencia; mas nada mais.

A onda passa e a agua fica.

Todo esse enorme armamento, tão sabio e dispendioso, não póde destruir a causa: contenta-se em combater symptomas.

A lucta deve ser profundamente social, como social é a doença.

A Inglaterra, comprehendendo isto, viu diminuir de 60 por cento a sua mortalidade por tuberculose.

Apesar de ser um paiz industrial por excellencia, apesar do seu nevoeiro historico, a Inglaterra é, de todos os paizes, aquelle em que a grande peste de hoje faz menor numero de victimas.

Lá, a legislação sanitaria é rigorosa. Todas as medidas de hygiene geral são largamente applicadas. Ao saneamento publico junta-se poderosamente uma forte campanha de iniciativa particular, consistindo principalmente na construcção de casas hygienicas e

baratas para operarios e na propaganda de preceitos hygienicos.

O alcoolismo, esse prolifico pae das tuberculoses, que mereceu de Hayem aquelle celebre e pittoresco aphorismo — *la phthisie se prend sur le zinc*, — é alli, mais dô que em qualquer outro paiz, efficazmente combatido.

Por toda a parte os «cafés de temperança» se multiplicam na sua obra benemerita.

Mas, se attentarmos bem no valor de toda esta orientação, havemos de reconhecer que ella não foi tão util por si como pelo campo sobre o qual incidiu a sua acção. A semente cahiu em boa terra. O que em realidade fez a melhoria da situação sanitaria, foram as condições economicas e sociaes do povo inglez, que tornaram essas medidas de uma proficuidade que seria impossivel em qualquer outra nação.

Para se ter saude é preciso comer bem. Mas para comer bem é preciso não ser pobre.

As condições de trabalho tornam o operario inglez mais bem collocado do que qualquer outro em relação ao salario. Assim, comparando o salario do operariado francez e inglez no periodo de 1891-93,

encontramos em França 4 francos e 20 centimos, e na Inglaterra 7 francos e 18 centimos ¹.

Além de um melhor salario, o operario inglez é mais favorecido do que qualquer outro em relação á duração do trabalho. O dia de nove horas é regra geral na maior parte das industrias. O dia de oito horas já está estabelecido em muitas fabricas, e o dia maximo é de dez horas.

Toda a superioridade da Inglaterra na lucta contra a tuberculose, vem da sua riqueza. Riqueza que é proveniente do character eminentemente trabalhador e pratico da sua população.

Entre nós, a Assistencia Nacional aos tuberculosos, adoptando a opinião de Calmette, metheu hombros á obra dos dispensarios. A Liga Nacional contra a tuberculose organisa brilhantemente uma forte propaganda contra o contagio.

Tudo isto é muito pelo que tem de animadora iniciativa, mas é pouco pelo que dá de resultado util.

¹ Romme. *Obr. cit.*

O mal está em cada um de nós. É preciso conseguir uma vida mais sã, pois só assim seremos mais fortes.

Deixemos os partidarismos inúteis.

O principal factor da tuberculose é o elemento social; e não é subindo em generalisações, mas descendo em analyses, que a podemos estudar e combater.

II

A questão economica é, sem duvida, o primeiro problema a abordar. Conseguir uma mais ampla recompensa ao trabalho, libertar o operario da miseria que o opprime, foi, é e continuará a ser o grande pesadelo do humanitarismo. Ora esta questão tem sido tão estudada, tão rebuscada e expandida, que não ha ninguem que não tenha achado uma opinião a seguir como a unica verdadeira. Assim, como toda a gente, eu vou ter opinião.

Toda a Terra não é mais do que o immenso campo onde o homem trabalha. Cavar um campo de milho ou guiar uma locomotiva, é sempre, em ultima analyse, a mesma exploração da Terra.

Pois bem, dividamos esse campo; e a cada um entreguemos a sua parte para que da terra bravia e inutil, faça brotar, pelo esforço do trabalho, a fartura e a abundancia. Quando um d'elles, forte, robusto, com bons instrumentos e bom braço para os erguer, tinha o seu campo amanhado e já serenamente descansava na satisfação e na riqueza, ainda outro, magro, corcovado, a primitiva pá na mão descarnada e fraca, tristemente se arrastava no desconsolo e na pobreza.

Nós somos este segundo homem; e não ha combinações de numeros, nem subterfugios de dialectica que nos façam mais ricos sem nos fazer melhores trabalhadores. Toda a nossa ruina vem de não saber trabalhar.

A prova mais evidente d'esta verdade está nos nossos emigrantes. As nações novas, onde homens de todas as procedencias se juntam n'uma violenta lucta pela vida, offerecem aos nossos olhos o mais curioso espectaculo de concorrencia de aptidões. O portuguez, fraco e ignorante, é sempre subjugado.

Ainda ha pouco, a proposito da catastrophe de Frisco, veio a publico que a colonia portugueza da California, longe da fama de riqueza que tinha, só

podia ser comparada á chinesa pela humildade e pobreza dos misteres que exercia. Esta nossa inaptidão é a causa primordial de toda a nossa ruína.

Esta miseria não é um estado passageiro, d'hoje; é o resultado de seculos de abandono e de preguiça.

Theophilo Braga define-a assim ¹: «a essencia, a feição do caracter portuguez é uma hesitação constante, incapacidade de uma determinação prompta, que faz o povo soffredor, contemporizador e visionario, sem espirito de empreza, nem instincto industrial. Tiraram-lhe os conventos, contrariaram-lhe o genio solitario; acabou o direito de conquista, cessou o genio da aventura, e ficou miseravel. Estas verdades são duras de ouvir, mas é preciso que se digam».

Uma nação é tanto mais rica quanto mais rico

¹ Theophilo Braga. *Introdução á historia da litteratura portugueza.*

fôr o producto do trabalho dos individuos que a formam.

Nós, parecendo desconhecer esta verdade, nada fazemos para nos melhorar. A nossa agricultura arrasta-se n'uma rotina ignobil. A nossa industria vive artificialmente da protecção dos governos. A instrucção é o apanagio da burguezia. Mas como a instrucção em Portugal é mais orientada para os empregos publicos do que para os trabalhos reproductivos, o filho do burguez sahe mais inutil que o pae. D'aqui vem uma miseria geral. Como nos sentimos pobres e temos inveja dos ricos, desabafamos a nossa impotencia berrando contra o Estado. É a elle que attribuímos todas as nossas desgraças e é d'elle que reclamamos todos os nossos progressos. Pedem-se obras grandiosas, e pede-se pão para as poder gosar. O Estado então augmenta o imposto e alarga o emprestimo. Hoje estamos pagando a nossa estupidéz, e continuaremos pagando emquanto nos não lembrarmos que para refazer a nossa nacionalidade precisamos, antes de fazer mais nada, refazer cada um de nós.

Entretanto o operario revolta-se e pede socialismo. Ora o socialismo é a revolta da ignorancia con-

tra a sciencia que a escravisa. Hoje estamos no dominio da sciencia do trabalho e não do capital. Vence quem melhor souber trabalhar.

Mas como é mais facil destruir do que edificar, toda a massa brutal dos incompetentes, dos inadapitados se une para derrubar o velho edificio da civilisação e sobre as ruinas descançar na barbarie niveladora.

O burguez, aterrado, volta-se para o Estado e pede pão para os famintos, como pede empregos para os bachareis.

Tambem pede boa administração.

É o circulo vicioso da miseria.

O problema da justa repartição do dinheiro não póde ser, como geral e grosseiramente se interpreta, tirar o dinheiro a uns para o entregar a outros. Este não-senso é desastroso; porque sendo uma illusão inutil é uma injustiça social que dia a dia nos vae arrastando para a egualdade pela miseria.

Pedindo uma extensa assistencia publica vamos entrando rapidamente no Socialismo do Estado. «Os funestos resultados d'este systema, em que a acção do poder central tende a substituir completamente a do individuo, são de duas ordens: uma restricção

cada vez maior da liberdade pessoal, mercê da incessante regulamentação arbitraria de todas as iniciativas, e uma tributação cada vez mais pesada, mercê das necessidades crescentes dos governos, que a tudo teem de prover.

«Se aquelles sobre quem pesam exclusivamente as despezas collectivas fossem na realidade os ricos, os que, feitos todos os gastos exigidos por uma vida commoda, hygienica e aprazivel, teem ainda um largo excedente de rendimento, nós poderiamos discutir o direito do Estado a diminuir-lhes esse excedente sem compensações materiaes ou moraes, forçando-os a contribuir para serviços publicos de que não podem utilizar-se, como os de instrucção e de assistencia; mas a ninguem occorreria a idéa de que, procedendo assim, o poder central praticava um acto desastroso.

«A verdade, porém, é que nas classes tributadas a grande maioria é a dos que apenas possuem o necessario a uma existencia mais do que modesta; pequenos commerciantes e industriaes; pequenos proprietarios e capitalistas; funcionarios mal retribuidos; agricultores de exiguas terras; profissionaes de humilde clientella.

«Forçar sob qualquer pretexto, estes individuos

a pagarem serviços que lhes não aproveitam, é exigir-lhes que em favor dos outros restrinjam ainda a satisfação das próprias necessidades, que attentem mais profundamente contra a hygiene pessoal, que reduzam a mesma vida, que lentamente se desfaçam de si!»¹

D'aquí um desastre geral. A esmola aos sem trabalho faz manter a ignorancia e a preguiça, e impede toda a evolução das classes me'dias, e consequentemente das que lhe são inferiores, no sentido d'um levantamento economico e social.

Não! Este caminho é mau, injusto e errado. A libertação da miseria das classes trabalhadoras só será possível pela elevação cada vez maior da riqueza publica. O que faz o valor do capital é a maior ou menor abundancia de industrias em que o empregar. Ora uma industria não conta só com a terra, a materia prima a explorar: conta com o braço que ha de guiar a machina, com o cerebro que ha de

¹ Julio de Mattos. Prefacio á *Superstição Socialista*, do Barão Raphael Garofalo.

gerir a fabrica. Quanto mais riqueza extrahida, maior recompensa ao capital e ao trabalho.

O homem sabendo trabalhar, terá sempre novas terras a cultivar, industrias novas a explorar. E o capital terá sempre, pela derivação para regiões inexploradas, novas fontes de valorisação.

No emtanto, nós permanecemos na inercia. Ha oitenta por cento de analphabetos. A emigração, longe de ser uma riqueza, é uma ruina. Em tudo somos subjugados pelos povos mais aptos que nós ao *strugl-for-lif* de hoje. A nossa vida economica é dramatica. O imposto amordaça todos. A miseria é geral. É preciso acabar com isto. Só o podemos fazer pela educação. Viver é lutar. E não luta um homem desarmado com aquelle que tem armas na mão.

De ha muito que em Portugal se pede, em altos brados, **instrucção.**

Reclama-se dos governos a instrucção publica, para todos, como a salvação do paiz. Mas não se olha ao fim que ella deve ter em vista e, rotineiramente, ensina-se o povo a lêr e manda-se o burguez para o lyceu. A conclusão é logica. O burguez faz-

se empregado publico, isto é, não faz nada; o operario faz-se socialista e rima sonetos.

O problema dos salarios tem de repousar na base da educação. Mas uma educação para o trabalho, tendente a uma maior riqueza de produção.

III

Mas a questão dos salarios não é mais do que um dos factores do problema da tuberculose. Porque, tornar o operario mais rico, não é tornal-o mais são.

Se é verdade que, sem uma determinada receita monetaria é impossivel uma vida sadia, não é menos verdade que a existencia d'essa receita não arrasta comsigo a certeza da saude.

Póde-se viver melhor com uma relativa pobreza do que muita gente vive no meio da abundancia.

A primeira coisa para viver bem é saber viver.

O portuguez tem da sciencia de conservar a saude uma noção tosca e errada. É toda uma série de pequenos preconceitos que seculos de ignorancia nos

legaram, e que o espirito da raça, refractario a innovações, enraizou com segurança. Todas as suas regras tendem a isolar, o mais possivel, o organismo do contacto das violencias naturaes. E de passagem notarei, como curiosidade, que este engenhoso sistema de hygiene não é mais do que uma face, um aspecto da maneira pela qual encara todos os actos da vida. No meio cosmico, como no meio social, perante a visão do combate, em vez de encarar frente a frente o inimigo e se preparar para a lucta, foge, esquiva-se, esconde-se, todo elle é preguiça e pavor.

Assim é pobre e a ancia de apparentar riqueza torna-o duas vezes mais pobre. Examine-se o *budget* de uma familia burgueza: metade da despeza é gasta em pequenas pretensões superfluas e inuteis.

Se de repente podesse ser elevado o salario das classes trabalhadoras, não teriamos dado um passo para a melhoria da saude publica. Só as tavernas venderiam mais vinho e os ourives mais cordões de ouro.

Para mudar o character do povo temos de mudar primeiro o character das classes dominantes.

São ellas que lentamente vão influindo, pela fas-

cinação que sempre exerce o vencedor sobre o vencido, no espirito conservador das classes populares.

A educação d'estas só poderá ser feita pelo contagio descendente, que foi sempre a grande móla da evolução das sociedades.

Ora, entre nós, ha muito que reformar. A preguiça é endemica. O trabalho é o grande pesadelo. Não ha vontade para nada. Na vida privada todos se confessam aborrecidos. E todo o movimento social se reduz a alguns palavrosos enthusiasmos que fazem, com uma linguagem cheia de psittacismo, de sonoras palavras doutrinaes, acordar, na rajada da sua ôcca eloquencia, o cerebro suggestionavel das multidões.

Somos o paiz do suicidio, do fado choradinho e do charlatão que vende, prégando, remedio para todos os males.

Se queremos educar os outros, temos primeiro que nos educar a nós. Para que possamos elevar o povo ás nossas virtudes e não aos nossos vicios.

IV

Levante-se o panno do desprezo.

Rasguem-se as sêdas brilhantes que ao nosso optimismo se erguem, scenicamente, n'uma apparencia de progresso. E deixemos ficar bem despido, na frianudez da verdade, o velho esqueleto da educação nacional.

O povo não instrue os seus filhos. Quando muito aprendem a lêr e a escrever. Cêdo a miseria os atira para a officina ou para o campo. O seu caracter é feito ao acaso, com todos os vicios do meio em que vivem. E todos sabem como esse meio é fértil em crimes, superstições e perversões de toda a ordem. A intelligencia cede o logar á sensibilidade. A

razão, á suggestibilidade. Domina o mais brutal egoismo, a violencia, a ignorancia e a corrupção. «As classes inferiores dos paizes civilisados, como todas as classes dos paizes barbaros, são evidentemente desprovidas da porção mais delicada dos sentimentos que syntheticamente chamamos senso moral ¹».

É d'esse meio que vem o pequeno industrial e o pequeno commerciante. Este, quando consegue juntar umas magras economias, manda os filhos para os estudos. A burguezia proprietaria e trabalhadora manda-os tambem. Vejamos o que são esses estudos. Primeiro vem o lyceu, depois as escolas superiores que levam ás profissões liberaes. Quanto ao ensino agricola e industrial, esse está n'um estado embryonario, e não pôde ser frequentado, porque o ideal de todo o pae é ter um filho bacharel.

Desde então começa o longo desenrolar de uma tortura. Se no espirito da creança havia alguma coisa

¹ Bagehot — *Lois scientifiques du developpement des nations*.

de agil e forte, com certeza a deixará ficar nos muros escuros do casarão.

O seu corpo não se pôde desenvolver, porque passa o dia sentada na aula hedionda.

A intelligencia educa-se pelo livro. Ora o livro é enfadonho. Não tem o interesse das novidades que se vão sabendo, pouco a pouco, n'um crescente clarear de espirito. Está alli a sciencia já feita, dogmatica e fria, de que se não vê o alcance immediato. Logo, para principio de vida, se offerece o trabalho á creança sob uma fórmula odienta.

Cria-se assim um aborrecimento cada vez maior. Estuda-se com medo ao castigo e com a esperança na recompensa. Nos collegios o systema de ensino é o mesmo. O fim não é saber, é preparar para o exame. O tempo que sobra das aulas é para estudar as licções.

As creanças não tomam ar nem sol. Tambem não tomam banho. Os exercicios physicos limitam-se a curtos momentos de gymnastica dentro d'uma sala.

Se vivem em suas casas, nos dias de feriado sahem com os paes, a passear a anemia pelas ruas.

Se estão no collegio, sahem em fórmula, dois a dois, arregimentados, debaixo do olhar do perfeito.

Toda a creança que alli entra é logo arrastada na engrenagem da corrupção. Para merecer a convivencia dos companheiros mais adeantados tem de lhe imitar os vicios. Assim o mal caminha de geração em geração.

Quando sahe do curso preparatorio todas as faculdades do adolescente estão corrompidas. Não tem energia, nem vontade, nem intelligencia. Passou superficialmente sobre uma infinidade de livros, e não sabe nada. Tem meia duzia de phrases na cabeça e ignora o mais rudimentar trabalho. Então escolhe uma carreira. Entra na escola superior. Modelado no vicio durante sete annos, a epocha mais amoldavel do seu espirito, não consegue desfazer-se do tédio que constantemente o segue. Se estuda, é ainda sómente pela vaidade da recompensa, e para em breve poder deixar de trabalhar.

E sahe bacharel.

Como a quantidade de habilitados é muito superior ás necessidades do meio, recorre ao Estado.

Evidenciando então os fructos da educação, curva-se, intriga, bajula até conseguir o desejado emprego.

Que ha de elle fazer?

Todas as profissões em que tenha de dispender energia, força, vontade, intelligencia, trabalho emfim, lhe estão interdictas.

Anemico e inutil, sem iniciativa e sem pulmões, que ha de elle fazer? Não tem outra sahida. A questão é arranjar. Depois vem a doçura da preguiça. Sobe-se pouco, é verdade, mas sem esforço.

Quando o rapaz é cabula, o pae, como castigo, desconsoladamente, manda-o para as profissões livres. E é facil imaginar em que condições de exito entra esse pobre sêr na aspera concorrência do trabalho.

Jámais as escolas que preparam para as profissões liberaes devem ser as predominantes. Ellas devem representar um papel bem pequeno na instrução nacional.

Não esqueçamos que o fim da educação é fazer da creança um homem. E que um homem só é digno de o ser quando pôde impôr-se e viver pelo esforço do seu trabalho. É para as profissões livres, usuaes, que precisamos de desviar toda a nossa attenção, porque são ellas que hão de valorisar a nossa agricultura, a nossa industria, todas as nossas fontes de riqueza.

Isto parece estar ainda muito longe, porque, em Portugal, quando se fala em instrução, é para pedir mais lyceus.

Para podermos competir no grande concurso de raças que hoje disputam a soberania da vida, precisamos de deitar fóra este nosso desprezo, pesar bem a importancia do assumpto, e tomar resolutamente por um caminho melhor. Se a hereditariedade vale muito, a educação vale outro tanto.

Precisamos de mudar radicalmente a nossa maneira de educar.

Na educação da intelligencia, os primeiros estudos geraes devem ser as licções das coisas, ensinadas praticamente, de modo que a creança conheça por si mesmo as suas propriedades e logo veja, immediata, a utilidade que o homem póde tirar d'ellas. Isto produz multiplos resultados: ensina que é do trabalho que nos vem toda a riqueza, educa o cerebro n'uma observação rigorosa e n'um justo raciocinar, e desperta, pelo crescente progredir, o interesse de saber mais. Nada de theorias imponentes. Por toda a parte o laboratorio se deve antepor ao livro. As theo-

rias virão depois, quando sobre os factos bem observados o espirito se dê a raciocinar.

A educação do cerebro infantil deve ser a reproducção abreviada do progredir da humanidade, desde a phase de comprehensão primitiva até á ultima conquista da sciencia.

Devagar se vae ao longe. Nada de accumulção. «Não são os conhecimentos amontoados no cerebro, como a gordura no corpo, que teem valor; são os conhecimentos convertidos em musculos do espirito ¹».

A historia deve deixar de ser um passeio por datas e nomes de batalhas para ser a observação do facto historico considerado como causa e como effeito. .

As linguas devem ser ensinadas racionalmente, por reproducção da aprendizagem natural.

A propria mathematica deve ser ensinada com o mesmo cunho de utilidade. A cada calculo estudado deve seguir-se immediatamente a respectiva applicação pratica.

¹ Herbert Spencer — *De l'education.*

O estudo deve tornar-se interessante como causa de superioridade para a lucta pela vida e não pelo amor da recompensa dada pelo professor, recompensa que não deve existir. Que o trabalho seja um prazer e não um sacrificio ás exigencias da vaidade.

Na educação do character, desenvolvamos o sentimento da dignidade e da independencia individual. Obriguemos as creanças a serem limpas. Que em todas as escolas haja casas de banho. Que as salas sejam claras, arejadas, alegres. O scenario faz muito. N'uma casa confortavel, com um fato lavado e sem caspa, tem-se mais dignidade e mais interesse pela vida, que sujo e roto n'uma sala escura e sordida.

Tratemos as creanças como homens, incumbindo-as de trabalhos pessoaes, para que n'ellas se desenvolva e fortifique o sentimento da responsabilidade.

Os jogos physicos são magnificos educadores da vontade. Um *campo* de pella combatendo ao ar livre, rolando sobre a relva, forte, unido, disciplinado, pelo triumpho da sua *côr*, levantando-se quando, n'um lance, o inimigo o prostrou por terra, para novamente combater e cahir, tem qualquer coisa de mais profundamente educador que um mestre abstracto, mastigando compendios de moral sobre as bancadas de uma aula.

Na educação physica substituíamos á gymnastica a liberdade no campo, a carreira, o salto, os jogos, todos os exercicios livremente exercidos ao ar e ao sol.

A gymnastica sueca é um magnifico systema educador; mas é pouco. Não é só musculos que é preciso fazer. É bom sangue, é saude. E essa só se adquire ao rude contacto da natureza creadora.

Alma sã em corpo sã, uma intelligencia bem conduzida, um conhecimento de ideias geraes que permita fazer da vida um solido conceito, o espirito que assim entrar na estrada da vida, facilmente estudará um trabalho especial com aptidão e utilidade.

Educados assim, seremos bem differentes do que somos hoje: fracos, tristes, o cerebro cheio de conhecimentos inuteis, sem orientação solida, somos como um serrador que cada dia augmentasse caprichosamente e afadigadamente aperfeiçoasse os dentes da sua serra, e que cada vez tivesse menos força para a erguer.

Estamos na era do dinheiro.

A descoberta da hulha, a applicação do vapor,

revolucionaram o mundo. É preciso formar homens para o dia de amanhã e não para o dia de ontem. Não para a ociosidade do emprego público, mas para a luta do trabalho independente.

Todo o nosso problema social se consubstancia no problema da educação.

V

O veneno da ociosidade intoxicou de tal modo o espirito da nacionalidade que se chega a considerar como distinctivo de superioridade o não fazer nada.

Cada um considera como inferior o que trabalha mais do que elle. E, creatura que nunca trabalhe, é logo adulada e invejada como feliz. É o desleixo, a preguiça, o abandono, que o espirito popular synthetisa no typo ideal do inactivo, e para o qual tem sempre, entre dois bocejos, uma palavra de inveja e outra de applauso.

N'uma sociedade assim orientada o trabalho não é tomado com amor mas com repugnancia. O que assegura o triumpho é a habilidade da intriga e da trapaça.

É preciso acabar com esta situação aviltante. Para dar pão aos bachareis que ha vinte annos as escolas especiaes vem despejando sobre Portugal com uma fecundidade de roedor, tivemos de nos reduzir á penuria em que estamos. O emprego publico é o emprego natural do bacharel. E todos sabem como esse grande cancro devora, de uma maneira particularmente intensa, a economia nacional.

Depois, toda essa multidão de gente nova que devia ser, pela sua situação economica e social, a grande trabalhadora de amanhã, fica assim absolutamente inutil. Collocados n'uma esphera social superior, espalhados por toda a parte, são os caixeiros viajantes da ociosidade.

Uma desgraça nunca vem só. Tudo isto se congrega no mesmo fim de miseria.

A campanha urge. Se continuarmos assim, que ha de ser dos nossos filhos?

A nossa vida economica é uma mentira. «Por mais que se diga que as portas dos emprestimos se fecharam é ainda á custa d'esse recurso mal exaustado que se está vivendo ¹».

¹ Anselmo de Andrade. *Portugal economico*.

Para pagar este artificio de vida, as contribuições sobem cada vez mais, a dívida sóbe, os empregos publicos crescem. Onde irá isto parar? Á felicidade, com certeza que não.

Para remediar a miseria mais evidente reclama-se assistencia.

Ora a assistencia é um meio artificial de aparentar riqueza. Se é verdade que, nas condições actuaes, o nosso humanitarismo a pede como uma necessidade, não é menos verdade que ella não cura o mal e pelo contrario contribue para a sua propagação. Esmola dada pelo particular ou esmola dada pelo Estado, é sempre uma esmola. Um factor, portanto, do pauperismo:

É necessario levantar a miseria por si mesma, fornecendo-lhe as armas que lhe faltam para assegurar a victoria no difficil combate da vida.

É necessario ensinar ao burguez que o mundo que espera os seus filhos não é o mesmo que o recebeu, a elle. Que é preciso orientar-lhes o espirito n'aquelle senso-pratico que faz a grandeza dos fortes.

Educando as classes medias teremos ao mesmo tempo elevado as classes inferiores que a seu turno se irão educando na mesma norma de utilidade.

Hoje, o augmento de receita individual é impossivel, n'este regime de indolencia miseravel. E toda a propaganda de hygiene se quebra de encontro á ignorancia e á orientação metaphysica da raça.

É preciso, pois, fazer uma revolução no character do povo portuguez.

A tarefa é de construcção mais do que de destruição.

Todo o nosso systema politico, toda a nossa vida social, são consequencias directas do nosso modo de ser individual. Cessemos de cruzar os braços, berrando contra os governos que são feitos á nossa imagem. Como diz Stuart Mill ¹, «o merito d'um Estado não é senão o merito dos individuos de que elle se compõe».

Em vez de pretender fundar o nosso desenvolvimento politico n'um forte desenvolvimento individual, nós, preguiçosos e enervados, illogicos e inconscientes, apelamos para um progresso politico como base do nosso progresso individual.

Como queremos ser fortes, ricos e livres, se em

¹ Taine. *Positivisme anglais* (Stuart Mill).

cada um de nós está a parcella dos defeitos que fazem a alma da collectividade?

É mais uma manifestação do espirito de indolencia e metaphysica nacional.

Estamos sempre pedindo liberdade e cada vez mais buscamos sujeição.

Se a Inglaterra é a grande nação victoriosa, deve-o ás condições economicas da sua população, resultantes de uma educação fortemente dirigida para o trabalho.

Em vez de constantemente se encostarem aos outros, como nós fazemos, desde novos se habituam a contarem só com o valor do seu trabalho para a ardua lucta pela vida.

Lá, mais do que em qualquer outro povo, ha o sentimento da independencia individual, que faz do anglo-saxão o dominador do mundo. «O anglo-saxão não pertence á fôrma communista, mas sim á fôrma individualista, assim chamada porque, em vez de fazer predominar a comunidade sobre o individuo, faz predominar o individuo sobre a comunidade, a vida privada sobre a vida publica, e por consequencia as profissões usuaes sobre as profissões liberaes e administrativas.

É este o verdadeiro fundamento da superioridade anglo-saxonica.

Toda a historia da Inglaterra é dominada e explicada pela lenta e incessante ascensão do saxão através da espessa crosta celtica e normanda ¹».

Nós, pelo contrario, olhamos mais para a vida dos outros do que para a nossa propria vida. Contamos sempre mais com a sua protecção do que com o valor do proprio trabalho.

Na vida publica como na vida privada somos os mesmos desorientados.

Examinem-se os nossos jornaes: de cima a baixo não se encontra uma discussão de um interesse publico, positivo e sério. Apenas heroicos artigos bombasticos, cheios de: liberdade, fraternidade, emancipação do povo, etc. E no fundo a mesma intriga partidaria, os mesmos mexericos de regedoria.

Quem medir os resultados do ultimo congresso da Liga nacional contra a tuberculose, realizado em

¹ Ed. Demolins. *À quoi tient la superiorité des anglo-saxons.*

Coimbra, fatalmente chegará a concluir que o congresso não fez mais do que exprimir votos. É verdade que foram apresentados bellos estudos sobre protecção ás creanças, ás mulheres, ao operario em geral, sobre saneamento geral e alimentação popular, que se fizeram grandiosos projectos humanitarios; mas, depois d'essa enorme somma de trabalho dispendido, resolveu-se recorrer ao Estado.

Mais uma vez se foi bem genuinamente portuguez.

Rompamos com a nossa indolencia. Dêmos o exemplo da iniciativa.

Para que o Estado nos ouvisse, seria preciso que nos ouvisse a cerebralidade portugueza. E essa deve andar bastante apoquentada com a situação da liberdade sob o governo que ha de vir.

O saneamento, tanto geral como individual, só será possivel quando a mentalidade portugueza tomar uma orientação mais séria e quando a situação economica geral se levantar da miseria em que se arrasta.

Nós estamos já muito inveterados no vicio. É ás gerações de amanhã que a nossa tarefa se deve dirigir.

É para a educação nacional que devem convergir todas as nossas atenções, pois só por ella podemos mudar as condições de vida da população, que são a origem fundamental da invasão tuberculosa.

Accessoriamente deve-se instalar uma activa campanha contra o alcoolismo, batalhar pela construção de casas hygienicas e baratas, promover o batarateamento da carne, e espalhar por toda a parte os preceitos de uma vida sadia.

Para isso é preciso chamar o interesse publico para este assumpto. Mostral-o como elle deve ser, despido do apparatus balofo de uma erudição barata, e sériamente dirigido para um fim racionalmente util.

Em vez de alimentar uma caridade no espaço, com a apologia dos rasgos heroicos de beneficencia, inculcamos no animo do burguez uma noção mais justa do verdadeiro humanitarismo.

Cada individuo póde fazer por si, melhorando a situação dos que lhe estão subordinados, uma caridade mais proficua, do que incumbindo a collectividade de estender a mão da esmola, no hospital ou no asylo, aos desgraçados que lentamente foi assassinando com a tortura da miseria.

Mas, para podermos libertar os pobres, precisa-

mos de ser ricos. E não é formando bachareis que o podemos conseguir.

A mais alta missão do medico é a hygiene social.

Compete-nos encetar a sublime campanha, tão sublime que ainda póde fazer qualquer coisa de bom d'esta pobre patria que agonisa, rota, esfomeada, a mão estendida, o olhar imbecil, balbuciando insolencias sobre os que passam.

O problema da tuberculose não é senão uma face do problema social. Um plano de conducta que tenha por base um alto ideal de restauração da raça, combate não só a tuberculose mas a immensidade das doenças que derivam da miseria popular.

Toda essa remodelação da vida nacional tem de assentar n'uma ampla expansão da educação, comprehendida como deve ser.

Preparemos ás gerações de amanhã uma vida melhor que a de hoje. E teremos não os louros passageiros da occasião, mas os fructos d'um trabalho generosamente fecundo.

Dentro de poucos mezes reune no Porto o quarto

congresso da Liga nacional. Eu considerar-me-hei bem feliz se então puder fazer, d'este plano simplesmente apontado, uma ampla e detalhada exposição.

A campanha é tanto mais difficil quanto deve ser difficil modificar o character d'um povo. Quanto é preciso encaminhar o desvairado psychismo portuguez para o interesse pelas coisas uteis e positivas.

Eu mesmo, ao terminar estas paginas, reconheço que ellas estão ainda bem extranhas ao meu modo de ser latino. E que foi violentamente, com o esforço de quem se arranca ao lodo, que as consegui escrever.

Sinto-as muito fóra do eruditismo *pour epater*, que é de uso adoptar para remate d'um curso.

Perdõe-se a audacia do espirito rude, que a ataviadas ficções, ôccas e brilhantes, ousa preferir um bom punhado de verdades, solidas e sãs.

Maio de 1906.

Antonio de Almeida Garrett.

PROPOSIÇÕES

Anatomia. — É puramente artificial a divisão das aponevroses do pescoço em superficial, media e profunda.

Physiologia. — Todos os órgãos podem ser considerados como glandulas de secreção interna.

Pathologia geral. — Não se pôde fazer uma classificação de processos morbidos com base verdadeiramente scientifica.

Materia medica. — Devemos preferir sempre os medicamentos syntheticos.

Pathologia externa. — Considero a cura radical como o unico tratamento racional e efficaz do hydrocele.

Operações. — A pneumectomia não pôde ser considerada como um processo curativo da tuberculose pulmonar.

Anatomia pathologica. — Todos os tumores do tecido muscular estriado são malignos.

Pathologia interna. — O desdobramento do segundo ruido do coração, que caracteriza o apêrtô mitral, não é devido a uma falta de isochronismo na quéda das sigmoides aorticas e pulmonares, mas sim ao *claquement* diastolico da mitral.

Hygiene. — Condemno o systema da fiscalisação, da prostituição em Portugal, por anti-hygienico e anti-social.

Partos. — Reprovo o uso do tampão em todos os casos de placenta previa.

Medicina legal. — A prisão deve ser um hospital.

Visto,
A. Brandão,
Presidente.

Pôde imprimir-se,
Mozes Caldas,
Director.

ERRATAS

Pag.	Linhas	Onde se lê	Lêa-se
29	17	historico	estoico
37	21	Socialismo do Estado	Socialismo d'Estado
39	14	possivel	realisavel
40	11	<i>strugl-for-life</i>	<i>struggle-for-life</i>
52	17	do trabalho	do estudo